

A PEDAGOGIA DE PROJETOS UMA POSTURA PEDAGÓGICA INCLUSIVA

Kátia Lúcia Vieira Lira; Maria do Socorro Nascimento Barros; Ana Paula dos Santos Nery

Universidade Federal de Campina Grande – katialira10@gmail.com; Faculdades Integradas de Patos – socorro225@hotmail.com; Universidade Federal de Campina Grande – pauladanttas@hotmail.com

Resumo: Este estudo objetivou mostrar a dinâmica da Pedagogia de Projetos presente no Ensino Infantil de uma escola privada da cidade de Campina Grande – PB. A pesquisa realizada foi de campo, qualitativa, que teve uma abordagem exploratória e descritiva. Foi utilizada como coleta de dados a observação, roteiro de entrevista com perguntas abertas e fechadas. Participaram da pesquisa dez docentes, sendo uma gestora e nove professoras do Ensino Infantil. As discussões e resultados foram feitos utilizando a Análise de Bardin com as categorias definidas, a primeira “o entendimento das participantes sobre o que é Pedagogia de Projetos”, segunda, “os métodos de alfabetização utilizados pela escola” e terceira categoria, “verificar o conhecimento das participantes sobre o RCNEI”, visando compreender as seguintes questões: A Pedagogia de Projetos poderia ajudar aos educadores e alunos a construir uma aprendizagem de excelência? Quais as dificuldades encontradas para fazer uso desta Pedagogia? Qual a visão do gestor e dos docentes sobre esta prática pedagógica? Como resultado as educadoras mostraram conhecer a Pedagogia de Projetos, vivenciando-a parcialmente. No referente aos métodos de alfabetização elas demonstraram não fazer uso deles, utilizando em suas práticas concepções interacionistas, além da Psicogênese da língua escrita para alfabetizar e letrar. Quanto ao RCNEI, as participantes da pesquisa demonstraram não apenas conhecer, mas usam na práxis. A pesquisa constatou a competência das docentes, além de verificar que elas usam alguns elementos da Pedagogia de Projetos. Comprovando que a Pedagogia de Projetos era utilizada parcialmente, e não integralmente, como imaginávamos, contrariando a hipótese inicial. A pesquisa também provou que, se a Pedagogia de Projetos parcial pode gerar um ensino de excelência, como foi verificado, na íntegra ela deve atender a essa pergunta de forma mais enfática. As professoras também mostraram conhecer essa Pedagogia, porém não a utilizam por questões internas e políticas. A visão da gestora e das educadoras com relação à Pedagogia de Projetos é a melhor possível. Essa pesquisa visa a contribuir com a formação dos profissionais do Ensino Infantil, em especial, dos professores, através da leitura, análise e reflexão das diversas práticas pedagógicas versadas nesse trabalho, bem como para com os pais de criança pequena e todos aqueles que convivem com crianças de zero a seis anos, objetivando mostrá-los um novo jeito de ver a criança, além de fornecer subsídios necessários para procurar uma escola de Educação Infantil capaz de atender ao objetivo de torná-la integral.

Palavras-chave: Pedagogia de Projetos, Educação Infantil, ensino-aprendizagem, formação integral.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por finalidade mostrar a dinâmica da Pedagogia de Projetos presente no Ensino Infantil de uma escola da rede privada na Cidade de Campina Grande/PB, uma vez que esta pedagogia mostra-se eficiente no suprimento das necessidades para a obtenção de uma aprendizagem significativa. As mudanças ocorridas no mundo, de modo geral, vêm influenciando



no comportamento, personalidade, no aspecto emocional e intelectual dos alunos e, por consequência, acabam exigindo da comunidade escolar, novos padrões de comportamentos, atitudes, posturas e conhecimentos diversos, para saber conduzir tais situações.

Desta forma, a Pedagogia de Projetos propõe, justamente, atender a esta nova forma de fazer educação escolarizada, unindo os fatos vividos no cotidiano com os conteúdos sistematizados, estimulando o aluno a investigar, tomar decisões, interagir, de modo a construir o seu conhecimento. É baseada nestas novas formas de fazer educação que a escola utilizada na pesquisa optou pelo uso da Pedagogia de Projetos, pois a referida, objetiva obter, uma educação heterogênea, flexível, capaz de responder à diversidade de cada educando, vendo a criança por inteiro.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi exploratória e descritiva, contou com a observação numa escola particular do município de Campina Grande – PB. Após observações, aplicamos um roteiro de entrevistas com perguntas abertas e fechadas às professoras e gestora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O levantamento de dados ocorreu numa escola privada do município de Campina Grande – PB, com a participação de nove professoras e uma gestora do Ensino Infantil. Os resultados comprovaram que, apesar das participantes apresentarem competência técnica em suas práticas conferidas in loco, bem como, através de um roteiro de entrevista com perguntas abertas e fechadas. Mediante análise de dados constatamos que a pedagogia utilizada pelas participantes da pesquisa não é a mesma que a princípio acreditava-se ser, ou seja, a Pedagogia de Projetos ressignificada por Hernandez (1998) e apresenta por outros teóricos. Tal conclusão ocorreu devido à confirmação da falta de elementos essenciais para vivenciá-la de fato. Os resultados e discussões basearam nas categorias definidas no Quadro 01 abaixo.

Quadro 01: Análise de Bardin com as categorias definidas.

CATEGORIA	DEFINIÇÃO
Categoria 1	Conhecimento sobre Pedagogia de Projetos
Categoria 2	Método de Alfabetização que a Escola Adota
Categoria 3	Conhecimento sobre o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI)

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quadro 02: Categoria do conceito de Pedagogia de Projetos

TEMÁTICAS	ENUNCIÇÃO	FALAS
Conhecimento sobre Pedagogia de Projetos	Observamos que, apesar do conhecimento das professoras sobre a Pedagogia de Projetos, esta não é praticada em sua íntegra na escola.	<p>“O professor tem o grande desafio de trabalhar com diferentes tipos de conhecimento, acompanhando o processo de aprendizagem do aluno. E o aluno aprende no processo e não de forma “isolada”. (DOCENTE 1)</p> <p>“A Pedagogia de Projetos busca desenvolver a relação ensino/aprendizagem de maneira significativa e contextualizada. O aluno é sempre um pesquisador, ele está sempre construindo e refletindo sobre os saberes que constrói”. (DOCENTE 3)</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Na coleta de dados apresentados no Quadro 02 mostra a fala de algumas professoras apresentando seus conceitos referentes ao conhecimento a respeito da Pedagogia de Projetos. A partir das respostas fornecidas pelas participantes, bem como a prática diária das mesmas contemplarem elementos presentes na Pedagogia de Projetos, constatou-se que a dinâmica utilizada na escola pesquisada não se enquadra na íntegra a Pedagogia de Projetos, pois para caracterizar a dinâmica dessa Pedagogia, segundo Hernández (1998), é necessário apresentar um tema gerador de uma análise, da interpretação e da crítica, onde haja cooperação e uma postura de aprendiz por parte do docente, esta postura também deve apresentar um percurso que procura estabelecer conexões e uma visão multifocal da realidade.

Nesse contexto, o professor deve entender que cada projeto é singular, onde o tema surge a partir de uma problematização, considerando o aluno essencial nesse processo, respeitando assim as

informações, a escuta e o fazer de cada um deles. Nesse sentido, a pesquisa demonstrou que as professoras usavam temas, conteúdos, desenvolviam os aspectos necessários para obter cidadãos críticos, autônomos, superando o ensino tradicional com sua metodologia, as atividades desenvolvidas eram teóricas e práticas.

No entanto os projetos eram pré-planejados, ou seja, os temas eram escolhidos previamente e as atividades, apesar de interessantes e parcialmente dentro da proposta da Pedagogia de Projetos, pois, sempre que possível, recebiam convidados em sua sala de aula, realizavam algum tipo de pesquisa, diversas fontes de informações construídas e socializadas por meio de atividades individuais, grupais e de classe, passeio no rancho, horta, casinha de brinquedos, tais atividades conduziam os alunos à construção e desenvolvimento de diferentes habilidades e conceitos aprendidos, entretanto as atividades e a própria dinâmica eram condicionadas, diferenciando da Pedagogia de Projetos.

A Pedagogia de Projetos em sua estrutura apresenta uma visão multifacetada dos conhecimentos e das informações, busca proporcionar aos alunos inúmeras surpresas, não seguindo uma estrutura linear, leva em consideração as experiências prévias dos alunos e a práxis é dinâmica, gerando assim projetos eficazes e ímpares. Mediante observações das práticas das professoras pesquisadas, constatou-se que, apesar de trabalharem com tema, situação-problema, estas fases são por elas previamente definidas, bem como os conteúdos.

No entanto a escola pesquisada abre oportunidades para favorecer uma flexibilidade diante dos acontecimentos, porém, mesmo sendo flexível, existe um limite, haja vista que há um cronograma e uma série de objetivos a serem alcançados de forma linear. Com relação ao aluno na Pedagogia de Projetos, Nogueira (2011) considera as diferenças e particularidades dos alunos, leva em consideração as competências e habilidades de cada educando, observando e analisando cada um de forma única. Portanto, Nogueira (op. cit., p. 51) afirma:

Nessa abordagem é fundamental observar cada aluno, analisar seus pontos fortes e fracos, verificar suas áreas de interesse, sua atuação em cada uma das atividades propostas, pois só após um olhar analítico o professor terá a chance de propiciar oportunidades específicas ao aluno em questão, garantindo desta forma que cada um receba a educação na dose necessária para desenvolver seus potenciais intelectuais. (NOGUEIRA, 2011, p. 51).

Nogueira (2011) e Hernandez (1998) também consideram importante o aluno aprender através da interação e afirmam que a aprendizagem deve acontecer a partir das trocas de conhecimentos que serão gerados diariamente através da pesquisa. Enfim, esses e outros autores

apoiam a Pedagogia de Projetos, mostram em suas obras que elementos como autonomia, participação, cooperação, investigação, criticidade, entre outros, são aflorados pela utilização da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade, da ludicidade, das concepções cognitivas, das TIC's, além de outros pontos considerados de relevância por todos que usam a Pedagogia de Projetos com o objetivo de ressignificar a educação escolar atual.

Diante do exposto, percebemos que existe riqueza nas aulas ministradas pelas professoras, no entanto a Pedagogia de Projeto é mais completa e eficaz, proporcionando aos alunos uma práxis capaz de tornar os alunos mais autônomos, independentes e capazes de realizar planejamentos.

Quadro 03: Categoria do método adotado pela escola na alfabetização

TEMÁTICAS	ENUNCIACÃO	FALAS
Método de Alfabetização que a Escola Adota	Percebe-se que as professoras conhecem o que são métodos e concepções, com relação aos métodos as professoras não os utilizam e valorizam as concepções.	<p>“A escola não adota métodos, ela tem concepções que acredita, no processo de alfabetização”. (DOCENTE 3)</p> <p>“A escola adota uma linha sócio interacionista”. (DOCENTE 7)</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Percebemos nas falas que, de fato, as professoras participantes da pesquisa não utilizavam “método de alfabetização”, mas fazem uso de várias “teorias da aprendizagem”. As educadoras da pesquisa utilizam o construtivismo e o sociointeracionismo para realizar a aprendizagem significativa para com os educandos, principalmente no referente à aquisição de leitura e escrita, fazendo uso da Teoria da Psicogênese da Língua Escrita apresentada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999).

Nas respostas fornecidas pelas participantes percebe-se que todas comungam da ideia de Emília Ferreiro, quando a mesma afirma que sua Teoria a Psicogênese da Língua Escrita não se aplica a um método, mas a uma revolução conceitual capaz de ajudar a criança a construir o conhecimento e a projetá-lo de dentro para fora e de forma não linear, considerando o que o aluno traz consigo. Mediante a colocação supracitada, Moraes (2012) afirma que os métodos de alfabetização são vários, porém eles são classificados em sintético e analítico.

Dessa forma, vejamos a conceituação e a exemplificação dos métodos sintéticos e analíticos. O método sintético estabelece uma correspondência entre o som e a grafia, através do *aprendizado de letra por letra*, sílaba por sílaba e palavra por palavra. Os métodos sintéticos podem ser divididos em três tipos: o alfabético, o fônico e o silábico. Rosenau (2011) contrapõe-se aos métodos de alfabetização por acreditar que neste método o conhecimento é determinado pelo professor, de forma sequencial, considerando uma linearidade, acreditando que deve ser apresentada aos alunos inicialmente as partes menores (letras) para as maiores (textos), partindo também das palavras simples (casa) para as complexas (classe), associando a letra e sílabas aos objetos e desenhos para haver uma ligação, mesmo que essa seja descontextualizada, tornando a aprendizagem fragmentada e longe da realidade.

Rosenau ainda afirma:

O empirismo considera o conhecimento como algo que vem de fora, ou seja, o sujeito aprende por meio da absorção passiva de conteúdos. Como tudo o que se aprende acontece de “fora para dentro”, o reforço é essencial. Dessa forma, o professor assume o papel de treinador, oferecendo reforço positivo para os comportamentos esperados e punição para as respostas inadequadas. (ROSENAU, 2012, p. 63).

Apesar do método sintético ainda ser utilizado nos dias atuais, ele vem perdendo espaço de forma significativa, mais especificamente a partir da década de 80, com a revolução cognitiva, a aquisição da leitura e escrita, passaram a ser vista como uma construção individual, devendo ser processada de dentro pra fora do ser e não algo imposto de fora para dentro, esse novo modelo de aprendizagem está presente na concepção interacionista.

O outro método utilizado para alfabetizar é o analítico, o qual defende que a leitura é um ato global e audiovisual. Dessa forma esse método começa *trabalhando do texto para as sílabas*. Ele pode ser dividido em palavração, setenciação ou global. Os teóricos Vygotsky, Piaget e Emília Ferreiro vêm contribuir com os professores para ajudá-los a oportunizar aos alunos uma forma de aprendizagem prazerosa e interdisciplinar. Respeitando os níveis determinados por Ferreiro, atrelado a essa prática tem os conhecimentos relacionados a Vygotsky, considerando cada aluno e os níveis de alfabetização, e a partir desse conhecimento são aplicadas atividades pelas quais a professora mede a zona de desenvolvimento real do aluno, proximal e potencial.

Atualmente as novas formas de trabalhar a leitura e escrita pelos professores com os alunos, só foram possíveis por que houve mudanças de paradigmas por volta dos anos oitenta, haja vista que até os anos 70 os métodos sintético e analítico, eram bastante utilizados, no entanto na década



de 80 com a revolução cognitiva as descobertas de Piaget e seus seguidores como Emília Ferreiro e suas teorias de aprendizagens, passaram a pedir uma nova postura da escola, como atrelar a leitura e escrita às práticas sociais e não apenas alfabetizar (possuir a tecnologia de ler e escrever).

Diante do exposto Soares (2014) afirma que o construtivismo, seguido do socioconstrutivismo, chegou ao Brasil através dos estudos da psicogênese da língua escrita, divulgada por Emília Ferreiro, esta teoria revolucionou e alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita o então método tradicional.

Soares (2014) também afirma que Emília Ferreiro trouxe grandes contribuições, porém alguns equívocos como: privilegiou a psicologia e obscureceu a linguística fonética e fonológica, eliminou os métodos, permanecendo apenas com a sua teoria (Psicogênese da língua escrita), ou seja, não se fazia mais uso de nenhum método, mais o aluno foi ser autônomo e construir seus conhecimentos e afirmou que só há alfabetização se houver o convívio com a cultura escrita.

Diante de tantas mudanças e avanços no mundo globalizado, acabou havendo novas questões relativas ao conteúdo da alfabetização que os “métodos tradicionais” não previam. Dessa forma os conteúdos da alfabetização avançaram muito em complexidade e também a formação de professores, inclusive os da educação infantil, suas posturas e a forma lidar com discussões e práticas que se relacionam com teorias literárias, teorias dos gêneros textuais, teorias do discurso, teorias lingüísticas, estudos sócio-antropológicos e psicolingüísticos sobre a aquisição da escrita, e muitos destes conteúdos são pertinentes a qualquer nível de ensino da língua.

Mediante as mudanças ocorridas no Brasil e no mundo, o Ministério da Educação do Brasil no ano de 1998 criou o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais, também conhecido como RCNEI e PCN's, os quais são parâmetros para as creches, pré-escolas e escolas que visam orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de todos os funcionários da educação.

O RCNEI e os PCN's foram estabelecidos a partir de uma série de encontros, reuniões e de discussão realizados por especialistas e educadores de todo o país, de acordo com as diretrizes gerais estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases. Segundo o MEC, estes documentos foram feitos objetivando ajudar o professor na execução de seu trabalho, servindo de estímulo e apoio à reflexão



sobre a sua prática diária, ao planejamento das aulas e, sobretudo, ao desenvolvimento do currículo da escola, formando pessoas capazes de enfrentar a vida adulta com mais segurança.

O RCNEI e os PCN'S defendem a linha *construtivista como suporte para aprender a ler, escrever e aplicar na vida seus conhecimentos*. Incentivando os professores fazerem uso das teorias Ana Teberosky e Emília Ferreiro, esta linha defende que a escola deve *valorizar o conhecimento que a criança tem antes de ingressar no estabelecimento*. A sua ênfase é na leitura e na língua escrita, bem como, das concepções de Vygotsky e Wallon.

Diante de tantas mudanças Magda Soares (2014) afirma que no final da década de 90 também vivemos um processo de grandes alterações paradigmáticas com a divulgação do conceito de letramento que segundo ela é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita.

Segundo Soares (2014) e Frade (2007), as noções de letramento permitem compreender que quando se ensina a ler e escrever, ensina-se também um modo de pensar o mundo “por escrito”. Dessa forma, não basta apenas ensinar a codificar e decodificar sons e letras. Também não é suficiente ajudar os alunos lerem textos literários: é necessário que façam uso da escrita em situações sociais e se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem. Temos, então, uma dupla questão para a escola: precisamos tratar a língua como objeto de reflexão e como objeto cultural e isto, às vezes, implica em metodologias diferentes.

Nessa perspectiva temos a teoria de Piaget, com seus estágios o equilíbrio, desequilíbrio e acomodação, por Vygotsky a zona de desenvolvimento proximal, potencial e real que ajudam a criança a ser fruto de um processo histórico e cultural que se dá através da teoria sócio-histórico-cultural que são denominadas no Brasil como sendo interacionista, construtivista, socioconstrutivista e sociointeracionista que são concepções, segundo Rosenau (2012), Pozo (2002), fundamentais no processo de aprendizagem.

Segundo Soares (2014), o construtivismo, seguido do socioconstrutivismo, chegou ao Brasil através dos estudos da psicogênese da língua escrita, divulgada por Emília Ferreiro entre a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita, o então método tradicional. Soares (2014, p. 89) também afirma:

A concepção psicogenética alterou profundamente a concepção, esta teoria revolucionou e alterou profundamente o processo da língua escrita, em aspectos fundamentais: a criança, de aprendiz depende de estímulos externos para produzir respostas que, reforçadas, conduziriam à aquisição da língua escrita – concepção





básica dos métodos tradicionais de alfabetização – passa a sujeito ativo capaz de construir o conhecimento da língua escrita, interagindo com esse objeto de conhecimento; os chamados pré-requisitos para a aprendizagem da escrita, que caracterizariam a criança “pronta” ou “madura” para ser alfabetizada – pressuposto dos métodos tradicionais de alfabetização -, são negados por uma visão interacionista que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção de estruturas cognitivas, na relação da criança com o objeto “língua escrita”; as dificuldades da criança, no processo de aprendizagem da língua escrita – consideradas “deficiências” ou “disfunções”, na perspectiva dos métodos tradicionais – passam a ser vistas como “erros construtivos”, resultado e constantes reestruturações, no processo de construção do conhecimento da língua escrita. (SOARES, 2014, p. 89).

Ao considerar a afirmação acima, as professoras da escola pesquisada oportunizaram os alunos a ler e escrever individual e coletivamente, em vários momentos na aula, utilizando o prazer e a ludicidade de forma planejada, ajudando os educandos a passarem pelas fases pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética de forma a construir seus conhecimentos através de descobertas, e não de forma repetitiva e impositiva, como é feito no ensino tradicional através dos seus métodos sintéticos e analíticos.

Dessa forma consideramos a prática dos métodos desinteressantes, pois ela nasceu e evoluiu visando atender às necessidades de várias épocas, e hoje os métodos sintéticos e analíticos não atendem mais aos objetivos que até então era o de ensinar a ler e escrever. Atualmente o objetivo da educação, além de ensinar a ler e escrever, é tornar um cidadão crítico, letrado, que se desenvolva em todos os seus aspectos e essa forma chega ao mais próximo de atender à nova realidade mundial e esta maneira trabalhada pelas professoras também é apresentada atualmente pela Pedagogia de Projetos.

Quadro 04: Categoria do conhecimento sobre o RCNEI

TEMÁTICAS	ENUNCIÇÃO	FALAS
Conhecimento sobre o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI)	O RCNEI é conhecido por todas as professoras como o documento norteador das suas práticas.	<p>“O RCNEI é uma referência para estruturação de currículo, de caráter nacional para a Educação Infantil, e se constitui em um instrumento de fundamental importância para reforçar a importância da Educação Infantil”. (DOCENTE 2)</p> <p>“É um instrumento de trabalho cotidiano e didático, serve como guia de orientação e de discursão da prática educativa de cada prática educativa de cada docente e instituição”. (DOCENTE 4)</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil foi apresentado pelo MEC em outubro de 1998 como sendo um documento nacional que serve de parâmetro para os profissionais integrantes da primeira etapa de educação básica. Todas as propostas contidas no Referencial são sugestões, não havendo obrigação de seguir (BRASIL, 1998). Apesar da não obrigatoriedade, este referencial é rico e oportuniza aos docentes vivenciarem uma prática que privilegia o cuidar e o educar.

As professoras mostraram conhecer e pôr em práticas os conhecimentos contidos no RCNEI. Concordamos com o que está contido no RCNEI, pois ele aborda elementos essenciais a serem vivenciados na primeira fase da educação básica. E foi dessa forma, através de observações diárias das ações didático-pedagógicas das educadoras, constatamos que suas práticas eram ricas e cheias de dinamismo, ludicidade, pesquisa, utilização das TIC's, situações-problema, pesquisas, construção do conhecimento, entre outros elementos constituintes da Pedagogia de Projetos.

No entanto, apesar de toda riqueza presente nas ações pedagógicas, verificamos que a Pedagogia de Projetos para existir na íntegra precisa de mais alguns elementos, porém, apesar desta constatação, observamos que a metodologia utilizada pelas docentes foi bastante significativa e ajudou ricamente na formação integral dos alunos. Porém seria interessante e mais enriquecedor se a escola adotasse a Pedagogia de Projeto de forma integral, pois os educandos e a sociedade sairiam ganhando, porque essa postura pedagógica objetiva formar o aluno de forma completa, atendendo à nova realidade social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho intitulado “Pedagogia de Projetos na Prática Pedagógica do Ensino Infantil” teve como objetivo mostrar a dinâmica da Pedagogia de Projetos presente no Ensino Infantil de uma escola da rede privada na Cidade de Campina Grande/PB, através de observações in loco e um roteiro de entrevistas com perguntas abertas e fechadas às professoras e gestora. No entanto se analisou as respostas e a prática de cada participante da pesquisa, as quais demonstraram efetivamente valorizar a interdisciplinaridade, desenvolver nos alunos diversas competências e habilidades, trabalhar com projetos, irem além dos limites curriculares, realizar atividades práticas, fazer pesquisas, selecionar temas apropriados aos interesses do aluno.

As professoras trabalharam com diversas estratégias que buscaram ordenar os estudos, utilizando diferentes fontes, desenvolveram atividades grupais e individuais, entre outras estratégias, no entanto verificou-se que, apesar das participantes utilizarem todas estas estratégias de ensino, isso não as fez utilizarem de forma integral a Pedagogia de Projetos, pois ela vai além do exposto, ou seja, as participantes de fato não fizeram uso na íntegra da Pedagogia de Projetos.

Assim sendo, os projetos visam apresentar o conhecimento escolar, baseados em conhecimentos da realidade, gerados por situações problemas, planejados pelos professores e alunos, visando com isso desenvolver estratégias de indagação, interpretação, favorecendo a todos um melhor conhecimento do mundo onde se vive. Diante da teoria supracitada e dos resultados obtidos de acordo com as respostas contidas no roteiro de entrevista e as observações feitas in loco conclui-se que a dinâmica utilizada na escola pesquisada não é a defendida por Hernandez (1998) e seus seguidores. Apesar da escola pesquisada não fazer uso integralmente da Pedagogia de Projetos, ela utiliza diversas estratégias de ensino capazes de tornar rico o trabalho pedagógico realizado na instituição, o qual desenvolve ricamente seus educandos, ajudando-os a crescer em seus aspectos afetivo, cognitivo, social e psicológico.

5 REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.



BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores**. 4. ed. São Paulo: Érica, 2011.

SILVA, Rayane Lima. **A Pedagogia de Projetos e o fazer pedagógico na Educação Infantil**. Campina Grande: UEPB, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

